



Director literario:

*António de Almeida*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Luís Collares*  
PAPUSSE

# Ao meu cãozinho Liz

Por GRACIETTE ALVES DA SILVA  
BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA



**M**EU cãozinho meigo e ledo!!  
... — (cuidado... que não acorde...)  
Meninos: tenho um cãozinho,  
(não tenham medo...  
não morde...)

que sobre a pel' cõr de arminho,  
tem malhas amareladas.  
E' muito e muito vulgar,  
(por isso mesmo eu o quiz;)  
um cãozinho sem ter lar!  
— pensei fazê-lo feliz!

Dizem-me às vezes: — «então,  
tu quizeste assim um cão,  
tão mesquinho! Tão sem graça!»  
E eu respondo alegremente:  
— «! Tenho-lhe tanta afeição!  
Se ele fôsse um cão de raça  
não vivia na desgraça  
de ter fome e (não ter pão!!)»

Bastava dizer — béu-béu,  
(um béu-béu aristocrata)  
para logo o dono seu,  
servir-lhe um pudim do Céu,  
nalguma salva de prata...  
Teria lençóis de linho,  
um colchão todo de penas,  
(um colchão só para si!)

Brandamente e com carinho,  
mãos amigas e pequenas  
atar-lhe-iam, serenas,  
laçarotes d'organdi...

Quando os outros cães da rua,  
uivassem, de noite, à lua,  
num gemebundo ganir,  
Talvez ele — cão maução,  
no seu tolo vozeirão,  
na sua voz de trovão,

lhes dissesse: — ão-ão-ão-ão;  
como quem diz: « — atenção!  
Calai-vos: quero dormir!»  
— Coitadinhos dos cãesinhos  
pobresinhos!  
Coitadinhos!

Digam-me agora, meninos,  
não acham que eu andei bem,  
preferindo, aos outros, finos,  
um cãozinho sem ninguém?

Tive, outro dia, uma mágua,  
e ao ver meus olhos com água,  
da fonte do coração,  
êle, o meu meiguinho cão,  
começou, tristes, a ladrar,  
para o ar:  
— béu-béu-béu-béu!

Talvez a ralhar ao Céu,  
que me fazia chorar!...

(Continúa na página 6)



# A ALMA PENADA

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES  
Desenhos de EDUARDO MALTA

**C**AÍ a noite. Noite negra, noite triste. Sobre a Aldeia pairou uma medonha trovoadas. Os relâmpagos, de quando em vez, iluminavam as trevas e as mulheres rezavam: Santa Barbara, São Jerónimo, Santos fortes!... *Miserere nobis*, e palhai para longe a trovoadas, para onde não haja pão nem vinho, nem flor de rosmãinho! E a trovoadas se espalhou.

Os trovões ouviam-se lá muito longe. O perigo tinha passado. Louvado seja Deus!

Naquela noite, o moço da loja dos Ribeiros, que levava à Vila a mala do correio, chegou à aldeia, cheio de medo, dizendo ter visto uma alma do outro mundo. Era assim um vulto muito alto, de manto branco, com um olho



muito grande na testa, a luzir, a luzir que parecia uma brasa acesa! Fiquei sem pinga de sangue e ainda venho a tremer todo. Já lá não torno a passar, não, Deus me livre das almas penadas. Já lá na minha terra, uma vez, um homem ficou sem fala, contava a minha avó...

E a má nova espalhou-se velozmente pela aldeia toda feita de casas branquinhas. O terror apoderou-se dos seus pobres habitantes e, à noite, já ninguém passava pelo caminho que vai dar à Quinta da Trindade que foi onde o moço da loja viu a alma do outro mundo!

O «Nabinho» era um rapazote lá da aldeia, filho do Braz Sacristão; tinha doze anos e era muito esperto o «Nabinho». Fmo como um coral. Não acreditava nas almas penadas, e tinha lá a sua ideia a tal respeito.

Já toda a gente dizia ter visto a alma do outro mundo, aqui e acolá.

O tio Jacinto, o caseiro da Quinta da Trindade, dizia que lhe tinham roubado do pomar, muita fruta. E foi justamente lá, no muro da quinta, que o moço dizia ter

visto a alma penado. Isto trazia o «Nabinho» apreensivo. Uma noite, o «Nabinho» tirou-se dos seus cuidados e foi Penhalva acima, a caminho da Trindade. Lá no alto, encontrou o João Calheiros que lhe perguntou onde ia.

— Vou a Santa Maria.  
— Não vás por aí, olha que te aparece a alma do outro mundo



— Eu não sou como vocês, não tenho medo. E lá foi... O caminho era medonho já de si, tortuoso e sem luz.

Chegou à quinta e bateu ao portão.

— Quem é? perguntaram de dentro.

— Sou eu, tio Jacinto!

O tio Jacinto apareceu e ficou admirado de ver aquela hora o «Nabinho» a bater-lhe ao portão.

— Que queres?!...

— Boa noite, senhor Jacinto. Venho falar consigo.

— Dize.

— Ora dizem-me que aparece cá na quinta umâ alma do outro mundo e eu quero vê-la.

— Olha, aparece à meia noite, ali no muro, por cima da fonte.

— Ora diga-me, senhor Jacinto: — E' certo terem-lhe roubado fruta do pomar?

— E' verdade, sim.

— Pois, então, fique sabendo que o gatuno não é outro senão a alma do outro mundo, que não é alma, nem é nada. E' um homem qualquer que veste um lençol, põe uma lanterna acêsa na cabeça, e se vai pôr ali, a espreitar meter medo a quem passa, para o deixarem à vontade saltar o muro da quinta e ir ao pomar roubar fruta.

— Talvez tenhas razão.

— Pois fique-se com esta!

Agora nós vamos-nos pôr ali atrás duma árvore, e quando o fantasma chegar, já nós lá estamos para o receber. O senhor Jacinto leva a espingarda carregada e, quando eu disser, dispara para o ar.

Está bem, fica assim combinado.

E lá se foram pôr os dois à espera da avantesma.

— Escute, senhor, não ouve uma restolhada?

— Ouço sim, disse o tio Jacinto a tremer que nem varas verdes, muito encostado ao «Nabinho».

— Que é isso, tio Jacinto? Está a tremer?

— E' que estou com frio, rapaz.

— Isso é outra coisa. Olhe lá está êle adiante a acender a lanterna, vê?

— Vejo, sim.

— Não se precipite, espere... venha atrás de mim, muito devagarinho. Lá vem êle já de ponto em branco, de lanterna acêsa na cabeça. Quem tivesse boa pontaria e lhe apagassem a luz com um tiro!

— Isso podia matar o homem.

— Pois é claro que matava. Bom paremos. Êle vem direito a nós, escondemo-nos aqui, abaixe-se. E logo o tio Jacinto obedeceu. O homem passava perto e o «Nabinho» mandou disparar. O fantasma apagou a luz da lanterna, e escondeu-se por entre os arbustos. O «Nabinho» e o tio Jacinto saltaram-lhe em cima e prenderam-no.

— Olha quem êle é? O velho tingido que roubou a galinha à minha mãe! Agora pagas todas juntas. E levaram-no até à aldeia e entregaram-no ao tio Feleciano que era o regedor naquele tempo.

O «Nabinho», no outro dia foi alvo de grande manifestação, e almas do outro mundo nunca mais ninguém lá viu.

F I M

# COLABORAÇÃO INFANTIL

## LUIZINHA e o seu GATO

POR FERNANDA DE LACERDA CABRAL

10 anos de idade — 1.ª Menção honrosa

**E**ra uma vez uma menina que Luiza se chamava, e comia muitos bolos que o seu papá lhe comprava.

Luiza tinha um gatinho que era nma bola de neve, e quando era enxotado tinha o pé muito leve.

Um dia o gato fugiu de casa de sua dona, que logo ficou tão triste que mais par'cia uma moça.

Um irmão de Luizinha, foi o gato procurar, deu a volta a toca a quinta, sem o bichano encontrar.

Percorreram toda a aldeia; sem o gatinho aparecer, desde o romper da manhã, até o sol se esconder.

Mas à noite, Luizinha quando já se ia a deitar debaixo dos seus lençóis, foi o gatinho encontrar,

Que alegrão para a menina inda há pouco tão tristinha, e assim se acaba a história do gato e da Luizinh.

GENERAL GOMES DA COSTA



Desenho do menino  
Mario Pereira Nunes  
11 anos de idade

# NO TEMPO EM QUE O DIABO ANDAVA PELO MUNDO

POR DURVAL PIRES DE LIMA  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

**A**NTIGAMENTE, o diabo andava pelo mundo, mas como era muito feio, e tinha medo de afugentar quem o visse, disfarçava-se, ora de velha ora de outra coisa qualquer, para tentar quem quer que encontrasse.

Ora perto de um pinhal, muito grande e muito escuro



que ia ter à borda do mar, havia uma cabaninha feita de palha e de ramos, onde vivia um pobre homem, com sua mulher e uma data de filhos.

O homem, coitado, passava muita fome e muita necessidade mas, como era muito bom, preferia passar o dia inteiro, com um cantinho de pão, para que os filhos e a mulher pudessem comer a sua sardinha e a sua posta de bacalhau com um fiosinho de azeite.

Um dia o homem — isto foi na véspera do Natal — saiu de casa mais desiludido do que nunca, passava-se o tempo e as economias, que tinha ao canto da gaveta, escorriam como a água entre os dedos. Estava muito frio, e havia um nevoeiro tão espesso, tão espesso que se não via um palmo adiante do nariz.

Foi andando, andando, até que chegou ao meio do pinhal, num sítio ermo e muito escuro que a névoa ainda fazia mais triste. Sentou-se em uma pedra que ali estava toda coberta de musgo e pôs-se a pensar. — Que havia de ser da sua vida quando não tivesse cinco réis, nem coisa alguma em casa? Então o espírito mau, começou a segredar-lhe muitas cousas, e ele muito enlevado a tomar atenção.

Ora pensava que podia meter-se a bandoleiro, e a assaltar, na estrada os pobres almocreves que vinham da Azambuja — e tirar-lhes tudo. Ora ir a casa do Doutor e roubar um baú de cruzados que ele tinha arrecadado,

ou, então, dar cabo da sua vida, pois toda ela tinha sido um estendal de misérias.

E estava êle a pensar nessas cousas todas, muito arreliado, quando sentiu que alguém lhe batia no ombro. Era um velho muito simpático com uma cara muito boa e de grandes barbas brancas. O homenzito, que parecia muito cansado, sentou-se ao pé do lenhador (é preciso dizer que o pobresinho que estava muito aflito da sua vida tinha êste mister e chamava-se tio Armindo), começou por dizer que andava perdido naquela escuridão e que ainda não encontrara uma alma caridosa que lhe ensinasse o caminho.

— Se vocemecê quizer, eu tiro-o dêste pinhal, que parece mais enredado, ainda hoje, que num dia de sol, e, se não se importar, o tiosinho descança um pouco na minha choupana. O Armindo já imaginava que o velho, que tinha um ar muito fino, era capaz de lhe dar alguma esmola para a ceia do Natal.

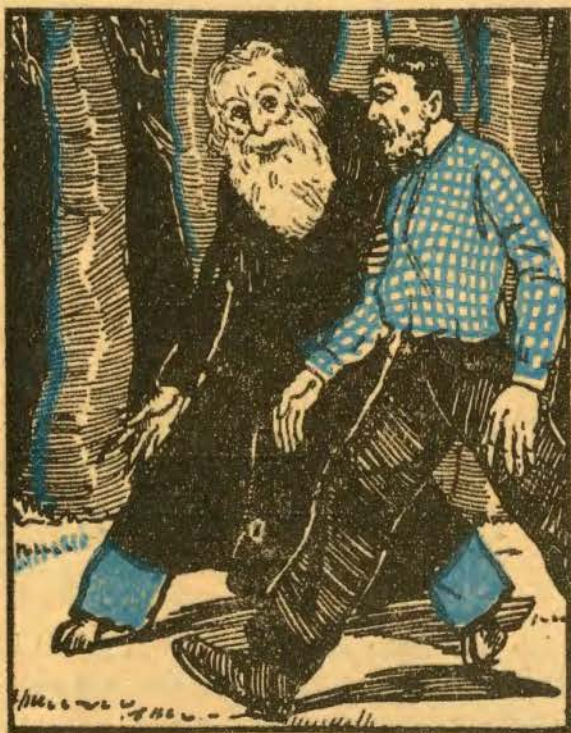
O homem concordou e pôs-se a andar com o lenhador a caminho de casa, mas, a cada passada que dava, por



cima da relva e das folhas secas, mostrava os pés muitos feios, parecidos com os da cabra. O tio Armindo via aquilo e ficou estarelecido — cá tenho o diabo à minha beira, tão certo como ser filho de minha mãe, e, assarapantado, foi andando, até chegar a uma encruzilhada onde havia vários caminhos e uma cruz de pedra.

— Ouve lá; tu andas aí com uma cara de defunto, o que é que tens?

O Armindo que nunca falara em sua vida com o mafarrico, não encontrou a língua onde costumava estar e sem saber o que havia de dizer começou a gaguejar.



— Parece-me que malembro de já ter visto vossa mercê.

O diabo, que já não podia disfarçar, começou de brincadeira:

— Ah sim, então tu já sabes quem eu sou, pois, visto isso meu amigo, tens tudo de mim o que quizeres se não fores parvo; deixa-te de asneiras e toma lá uma corça para uma camisa.

A moeda queimava que nem fogo, mas o Armindo não se fez rogado e meteu-a no bolso das calças, enquanto o seu companheiro com muita desenvoltura o agarra pelo braço e (como era o diabo, e sabia todos os caminhos do mundo) levou-o de corrida até à cabana onde o pobre leñador vivia.

Cá fóra cheirava muito a incenso, como se aquele lugar fosse uma igreja, apesar da força do vento que espalhava às rabanadas os ramos dos pinheiros e fazia desaparecer, num abrir e fechar de olhos, o fumo que muito depressa saía pela chaminé.

— Ouve lá, aqui cheira a incenso, disse, o diabo, coçando o queixo, depois de ter puxado as barbas postiças para o peito. É, então, assim que me recebem?! e deitava uns olhos que eram de estarrécer.

O Armindo estava, vai não vai, a manda-lo passear, ou como quem diz, a ir para outra freguezia, mas receando-se do diabo, que, segundo ouvia dizer, andava sempre a tentar os mortais, e até por detrás dum padre podia aparecer, disse ao companheiro que socegasse e entrou a derrenhar a mulher.

— Oh! Maria, bota um pouquinho de água nas brasas, que o cheiro faz mal a este senhor.

O diabo tinha estado a mirar a casa, a ver se encontrava alguma imagem e, mais descansado, aproximou-se do lume a ver se se aquecia. Lá por ser quem era, também tinha o direito de aquecer o gabão que estava mais caçarado do que um pinto. Aquelas brasinhas, depois da chuva, eram um regalo e ele olhava muito para elas, muito vermelhas e brilhantes, e lembrava-se com pena do teu Inferno, onde, àquela hora, deveria naver tanto calor, e ele cá por fóra há dois dias por causa de certos negócios.

E, enquanto aquecia os pés, olhava pelo canto do olho: Que lindos meninos, um de sete anos, com um casaco do pai e uma carapuça saloia, e uma miuda de chale e um anjinho a pairar. Aquilo tudo a rechinar na caldeira de Pero Botelho, que lindo que havia de ser.

Ora o diabo, naqueles pensamentos, descuidara-se e queimara os pés. Foi pela casa um cheiro tão mau, tão mau, que a mulher começou a suspeitar daquele cavaleiro tão esquisito; no entanto, nada disse e, como estivesse a ceia pronta, levou-a para a mesa. Era uma caldeirada de carangueijo de fazer ressuscitar um morto, e estava tão apetitosa, tão boa!...

O diabo, ainda com as patas doridas, levantou-se do seu canto e escolheu o melhor lugar, onde a luz lhe não batesse mesmo em cheio. Coitadinho (cruzes!), lá fome tinha ele, e isso via-se pela cara.

Mas a mulher, que não era para graças e já desconfiava daquilo tudo, quiz experimentar o sujeito das barbas e assim começou:

— Vossa mercê há-de desculpar; a ceiazinha é pobre mas honrada. Não é uma ceia do Natal.

O diabo fez-se verde e depois amarelo, azul, encarnado, cor de burro quando toge, de todas as cores do arco iris (era mesmo um camaleão numa roda viva), mas não quiz dar-se por vencido, e disfarçou, levando a conversa para outro lado; contudo, não sabia como havia de conversar. Portanto, principiou por perguntar à mulher como era a sua graça.

— Maria, sua criada.

Coitado, o mafarrico naquele dia estava infeliz; quando ouviu aquele nome, julgou que lhe tivessem dado com uma tranca de ferro na cabeça; aquilo também era demais! Queria perdê-lo, mas ele agarrava em todos e metia-os num quarto escuro.

Agora os sinos da vila, muito alegres no «Glória a Deus», a gritarem lá de cima, a gritarem tanto; na verdade, parecia que tocavam dentro de casa; pelo menos, assim o julgava o demo.

Bôa nova! Bôa nova! Tim, Tim, Tam, Tum, Dom. Tão,



Balalão. Bôa nova! Tim, Tim, Tam, Dom. Tim. Tim. Rim. Tim, Tim, Tão, Bôa nova! Bôa nova!

O diabo entiou. Ai! que nasceu Nosso Senhor! Como

(Continua na página seguinte)

## No tempo em que o Diabo andava pelo mundo :::::

(Continuação da página anterior)

havia de arranjar-se?! De repente teve uma ideia: — Olhe lá, tio Armindo, vocemecê dá-me pousada por esta noite?

Mas a mulher, que era valentona, não teve medo. Para mais o diabo, coitado, estava em calças pardas (não são destas que se usam agora).

Não esteve para meias medidas e escancarando a porta, começou a gritar:

— Saia, seu diabo. Saia, seu bode. Vá para as profundas do inferno.

Mas o diabo não fugia; tinha saltado para a lareira e, lá de dentro, por detrás dos carvões, fazia uma cara. Cedo...

Então, a Maria lembrou-se que o Senhor Cura, quando tratava os endemoninhados, dava-lhes com água benta e dizia: *Vá de retro, Satanaz!* *Vá de retro, Satanaz!*; avançou para o diabo e começando, como o Cura, a descompô-lo.

O demo, mais morto do que vivo, não sabia o que havia de fazer à sua vida. Prometeu que daria cem cruzados, depois um palácio cheio de prata, depois os *quintos* do Brasil, depois... depois, como já nada tinha que prometer, nada prometeu.

Nisto, a mulher, dando um pulo, agarrou numa vasoura, deu tanta, tanta pancada no diabo, que ele ficou num feixe.

Agarraram, então, nêle, meteram-no num caixote e atiraram-no para dentro dum poço que havia no quintal. O diabo, que não podia mexer-se, so gritava:

— Da-me a corôa, dá-me a corôa; e até muito tarde, isto é, quando já vinha nascendo o Sol, se ouvia o diabo a pedir de dentro do poço:

— Dá-me a corôa, dá-me a corôa!...

O Armindo, desde esse dia, foi muito feliz, e se não casou nem teve muitos filhos foi porque já era casado e já os tinha.

# F I M

## Ao meu cãesinho Liz

## Aneótas

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

É que este cão sem ninguém, sabe melhor entender o que é Dôr, o que é Sofrer, porque já sofreu também!

Meninos: sede amiguinhos dos cãesinhos pobresinhos!

Deus tem no Céu um presente, que é seu amor divino, guardado para o menino que lhe tôr obediente...

...Entanto, cãesinho meu dorme, dorme em leito teu (caixinha de papelão...)

Meu cãesinho meigo e ledo!  
— Meninos: não tenham medo... que este cão só faz: — béu-béu! não sabe fazer: — ão-ão!

# F I M

I

Em um teatro os espectadores da galeria faziam grande barulho. Um espectador das cadeiras, volta-se para cima, furioso e grita:

— «Calem-se suas bestas!»

— «Está muito enganado, — respondeu um gaiato, — cá em cima é o palheiro e lá em baixo é que é a cavalaria.»

II

Dois estudantes vendo num caminho uma pobre mulher, já velha, que conduzia dois jumentos pela rédea, quizeram gracejar com ela, e dirigiram-lhe a seguinte salvação:

— «Bom dia, mãe dos burros!»

— «Bom dia, meus filhos!» — respondeu a velhota.

## BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

VOLUMES PUBLICADOS

CADA VOLUME

4

escudos

para os assinantes

d'O SÉCULO

I

BARRACA DE FANTOCHES

II

CÓ-CÓ-RÓ-CÓ

III

PÁ-TÁ-PÁ

CADA VOLUME

5

escudos

para os não assinantes

d'O SÉCULO

A MELHOR E MAIS BARATA COLEÇÃO DE LIVROS PARA AS CRIANÇAS

Pedidos à administração d'O SÉCULO — Rua do Século, 59 — LISBOA

# HORA DO RECREIO

## Uma fonte intermitente

Podem realizar-se diversas experiências interessantes com auxílio do sifão que a gravura representa.



É feito de um tubo de vidro de um metro de comprimento.

A 15 centímetros de cada uma das suas extremidades este tubo tem um cotovêlo de um ângulo de 100 graus, e 5 centímetros mais longe um ângulo de 90 graus.

Uma das extremidades é soldada ao maçarico de forma a deixar apenas um orifício com um milímetro de diâmetro.

A extremidade superior que deve ter uma direcção oblíqua, é mergulhada num vaso cheio de água tingida com

anilina vermelha, depois do que se levanta o sifão de forma que o orifício se encontre parcialmente fóra da água; grossas bôlhas precipitam-se, então, para o tubo; desentupese completamente o orifício do líquido deixando penetrar no tubo uma grande bôlha de ar, mergulha-se de novo em seguida, e assim sucessivamente.

Vê-se então a bôlha descer lentamente ao longo do tubo, subir o cotovêlo da sua extremidade e alcançar, finalmente, o orifício estreito para o qual se precipita, para se perder no ar num jacto de espuma.

## Sifão sem tubo

Recorta-se num pedaço de flanela ou de lã uma tira, que se embebe de água. Coloca-se em seguida, sobre três livros sobrepostos, um côpo de pé cheio de água e outro em baixo, vazio, ao pé dos livros.

Instala-se, então, a tira de fazenda de modo que uma ponta de 5 centímetros mergulhe na água do côpo mais alto e a outra no segundo recipiente.



Ao cabo de um instante, a fazenda exercendo as funções de um sifão, despejará, pouco a pouco, no côpo inferior toda a água do côpo superior.

## ADIVINHAS

1.º

Sou o principio do mundo  
E Deus, contudo não sou;  
Dos monarcas sou principio  
E do mar que Deus criou;  
Tenho três corpos num só  
E sem mim ninguém falou

2.º

Entra nas contas correntes...  
Sai da bôca e há no nariz;  
Desejam-no os indigentes,  
Finda em L, começa em X

*Simône Pessoa.*

Decifrações do número anterior:

1.º - Cigarro

2.º - Cesto

## Meus Meninos

Este gatinho já teve seis donos.

Vejam os meninos se os descobrem, pois estão muito perto dele.



# BÉBÉ vai à festa

(de fato novo, de calça comprida,  
à oficial de marinha)

P O R

GRACIETTE ALVES  
DA SILVA BRANCO

DESENHO DE  
EDUARDO MALTA



... Vá primeiro esta;  
esta agora  
deixa compôr...  
'stá quieto!

Assim a mexer, não presta...  
— Ai! Querem ver que éle chora!!  
Mas que grande homem — Senhor!  
Hás-de ir bem lindo p'r'à festa  
com essa cara de preto!...

Não quero ver-te chorar!  
Seca teus lindos olhinhos!  
Vá: agora abotoar  
estes botões redondinhos.  
Assim... Põe-te bem direito!  
Ergue a tua cabecinha!  
Anda, amor, tem paciência!...  
Se não te vestes com geito,  
o pessoal de Marinha,  
não te faz a continência!...

Vá, o casaquinho,  
veste;  
ergue o bracinho...  
'stá bem:  
e agora abotoar,  
éste botão  
dourado,  
e éste,  
e éste,  
e éste...  
— «lh! tanto! O' Mãe,  
deixa o menino contar:  
— Rei,  
— Capitão,  
— Soldado,  
— Ladrão,  
— Rei...»

«Amor! 'Stás a demorar,  
e a festa acaba, que eu sei!...»

Vem cá, deixa-me compôr,  
teus cabelos, meu tesouro!  
olha: éste caracol,  
quando lhe bater o Sol,

semelhará com fulgôr,  
um lindo filete d'ouro!!

... Deixa ver teu róstozinho...  
— Olha, amor do coração:  
para eu  
ficar contente a valer,  
há-de o meu menino ler  
estas letras que aqui estão  
na frente do bonézinho.

Vê: a primeira é um A...  
depois um D... outro A...  
— vê se sabes, meu amor,  
porque a Mãesinha merece...  
«— Mostra, Mãe; A... D A, DA...  
(assim diz o Professor)  
um M, um A e um S...  
T, O, R, — Adamastor!!...»

Cai uma chuva de beijos,  
na frente do pequenino...  
Mamã tem loucos desejos,  
de comer o seu Menino!!

Meio-dia. A luz erguida  
do Sol, as florinhas cresta!...

Bébé, de calça comprida,  
vai a caminho da festa.